



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

O uso de *nós* e *a gente* na variedade linguística de Brasília

Lara Dias Rodrigues

Brasília – DF
2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

Lara Dias Rodrigues

O uso de *nós* e *a gente* na variedade linguística de Brasília

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Doutora Cíntia da Silva Pacheco

Brasília, 30 de setembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus, o meu Pai Celestial, por todas as oportunidades que me deu, bem como a coragem, a esperança e os cuidados, pedidos por meio de oração; por ter me dado tamanha força a ponto de chegar a ter três empregos, as disciplinas acadêmicas e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, ainda assim, conseguir entregar resultados.

À minha mãe, o meu amor mais puro e infinito e a pessoa a quem sempre dediquei a minha vida e em quem vejo o sentido de tudo, por ser, sempre, o meu amparo; por ser tudo para mim; por cada detalhe de esforço, simplicidade, abnegação; por sofrer de constantes dores, mas ignorá-las, a fim de demonstrar que está sempre bem e apta a cuidar dos filhos.

Ao meu pai, por preocupar-se em proteger-me e sempre buscar retirar, do meu redor, as maldades e ameaças do mundo.

Ao doutor Djair, a minha grande saudade, por tudo o que foi para mim e minha família; por ter sido a pessoa que mais ficou feliz com o meu ingresso na UnB a ponto de prometer-me um anel de ouro na minha formatura, mas que não conseguiu entregar, porque a COVID-19 o levou; por ter sido, juntamente com a minha mãe, a pessoa de coração mais genuíno que conheci; por ter deixado tantas lições e as lembranças mais lindas que possam existir; por ter sido meu segundo pai.

Ao Guilherme Satriany, meu primeiro namorado e grande parceiro, por todo amor, atenção e paciência; por apoiar-me e ficar do meu lado em todos os momentos; por ser um companheiro espetacular e uma pessoa incrível em todos os sentidos.

Aos meus irmãos, Cleriston Henrique, Lucas e Luan Victor, por acreditarem no meu potencial; por dizerem, sempre, que sou capaz de conseguir.

Às minhas cunhadas, Rosilana e Jennifer, e aos meus sobrinhos, Clébia, Pietro e Samuel, por serem novos integrantes na minha família e trazerem tanta felicidade para ela.

Ao professor Darlan Xoteslem, por ter sido, em um momento em que eu estava perdida, a minha inspiração para cursar Letras. O seu domínio e gosto pelo ensino do Português alcançaram-me.

Ao Iuri Emanuel, por ser o meu melhor amigo e por permitir-me sentir que ele estará comigo para sempre; por ser o alimentador de coisas boas no meu coração.

À Vanessa Rodrigues, pelos diversos anos de verdadeira amizade, pela sinceridade e por não deixar que a distância nos afete.

À Juliana Sousa, por ser o meu consolo a qualquer momento e pela amizade mais linda que conquistei no Distrito Federal.

Ao Matheus Costa, que, no ensino médio, foi o meu principal aliado para a minha entrada na UnB, dona de todo o meu “sucesso universitário”.

Ao Sávio de Andrade, por tanto ter conversado comigo e dito, tantas vezes, que mereço coisas boas; por ter partido, mas ficado no meu coração.

À Julia Bandeira, por ter sido minha companheira desde o primeiro dia de aula na Universidade; por ter esclarecido tantas questões para mim; por ser uma amiga pronta para tudo; por todos os cafés da manhã e almoços no Restaurante Universitário (RU); pelas procuras de salas vazias, no ICC, para descansarmos; pela grande ajuda para realização deste trabalho e, pelos vários momentos, tornar-se uma amizade para a vida.

À Rayla Gabriele, por ter tornado as aulas mais divertidas; por ter me dado, de bom grado, um vale-transporte para ajudar-me a ir para a faculdade em um período que fiquei sem passe-estudantil.

À professora Cíntia Pacheco, por ter entendido a minha situação na circunstância do fazimento do TCC e deixar-me livre com minha produção para entregar-lhe no meu momento.

À Universidade de Brasília, por ter me fornecido auxílios (RU; auxílio socioeconômico) que permitiram a minha permanência estudantil e contribuíram com os custos de dentro de casa, inibindo minha evasão escolar.

RESUMO: Este estudo tem como principal objetivo analisar a variação pronominal entre *nós* e *a gente* na capital do país, Brasília, com base na Teoria Variacionista de Labov. Busca-se saber quais contextos propiciam-na a ser uma variação em progresso em solo brasiliense, visto que, em outros estados brasileiros, há trabalhos acerca deste fenômeno, como Mattos (2013) em Goiás; Tamanine (2002) em Santa Catarina; Omena (1996 e 2003) no Rio de Janeiro; Borges (2004) em Jaguarão e Pelotas; Seara (2000) em Florianópolis; Zilles (2007) em Porto Alegre. A pesquisa foi estratificada em variáveis linguísticas: 1) Paralelismo linguístico: a hipótese pautada na repetição do mesmo sujeito pronominal dentro de um turno de fala, contando com seu efeito uniforme e geral (SCHERRE, 1998), e o resultado do presente estudo ratifica tal suposição quando se trata do fenômeno de variação de pronomes em Brasília, já que 93.3% de dados antecidos de *a gente* e 80.8% dos dados de primeiros da série favorecem o uso do pronome *a gente*; 2) Referencialidade: dividida entre específica e genérica, pressupondo-se que o pronome *a gente* é mais favorecido por esta, e o *nós* favorecido por aquela (LOPES, 1993), mas, aqui, o uso do pronome *a gente* refutou a hipótese inicial, pois, no caso em que o pronome é usado para referir a si próprio, com o pronome do caso reto *eu*, houve uma porcentagem de 80% quando comparado com o uso do pronome *nós* (20%), usado para o mesmo fim, de acordo com a Tabela 2. Logo, o pronome que estaria mais voltado para o polo indeterminado contou com um uso maior para a porção determinada da referencialidade, sendo superior ao *nós*. Também, os casos de referência de [eu + você] e [eu + você + ele(s)] foram favorecidos pelo pronome *a gente* em 71.9% e 76.7% das ocorrências, respectivamente. Com isso, a variável [eu + ele] foi a única que respondeu, satisfatoriamente, à variação com casos de *nós*. Outrossim, as variáveis sociais foram: 1) Sexo: hipótese alicerçada no grupo feminino compor o maior índice de falantes da forma pronominalizada *a gente* (RUBIO, 2012), e as brasilienses validam o que o estudo propôs por estarem à frente quanto ao uso do pronome em ascensão *a gente* com base em um percentual de 74.3%; 2) Faixa etária: hipótese de que os jovens são os que favorecem, significativamente, a variação (PACHECO, 2014), e a pesquisa evidenciou que criança (até 9 anos), jovem (20 a 24 anos) e adulto (de 25 anos em diante) foram grupos que favoreceram a variável *a gente* em Brasília, com 77.8%, 100% e 100%, respectivamente; e o pronome *nós* preponderante em falas de pré-adolescentes de 10 a 14 anos (35.7%) e adolescentes de 15 a 19 anos (63.2%); e 3) Escolaridade: a variável *a gente* faz parte do discurso dos falantes brasilienses, independentemente do nível escolar, dado o seu baixo nível de estigmatização, mas, de acordo com Omena (1996), o *nós* é favorecido nas séries iniciais, pois é quando as crianças têm um aprendizado normativo do que as gramáticas prescrevem; e o *a gente* usado mais pelos adolescentes e jovens, visto que apresentam, em seu vernáculo, uma característica mais desprendida do formal; a pesquisa trouxe, entretanto, resultados contrários, sendo que estudantes do ensino médio estiveram mais propensos ao uso do pronome *nós* (51.1%), enquanto o ensino superior apresentou categoricamente o uso do pronome *a gente* (100%). Por outro lado, a educação infantil também ficou com 81.8% de uso de *a gente*.

PALAVRAS-CHAVE: Variação pronominal; Brasília; Teoria Variacionista; Variação em progresso.

ABSTRACT: The main objective of this study is to analyze the pronominal variation between "nós" and "a gente" in the country's capital, Brasília, based on Labov's Variationist Theory. We seek to know which contexts allow it to be a variation in progress in Brasília, since in other Brazilian states there are studies about this phenomenon, such as Mattos (2013) in Goiás; Tamanine (2002) in Santa Catarina; Omena (1996 and 2003) in Rio de Janeiro; Borges (2004) in Jaguarão and Pelotas; Seara (2000) in Florianópolis; Zilles (2007) in Porto Alegre. The research was stratified into linguistic variables: 1) Linguistic parallelism: the hypothesis based on the repetition of the same pronominal subject within a turn of speech, with its uniform and general effect (SCHERRE, 1998), and the result of the present study confirms this assumption when it comes to the phenomenon of pronoun variation in Brasília, since 93.3% of data preceded by gente and 80,8% of the first data in the series favor the use of the pronoun "a gente"; 2) Referentiality: divided between specific and generic, assuming that the pronoun "a gente" is more favored by the latter, and "we" favored by the former (LOPES, 1993), but, here, the use of the pronoun "a gente" refuted the initial hypothesis, because, in the case where the pronoun is used to refer to oneself, with the straight case pronoun "eu", there was a percentage of 80% when compared to the use of the pronoun "we" (20%), used for the same purpose, according to Table 2. Therefore, the pronoun that would be more focused on the indeterminate pole had a greater use for the determinate portion of referentiality, being superior to the "we". Also, the reference cases of [eu + you] and [eu + you + he(s)] were favored by the pronoun a gente in 71.9% and 76.7% of occurrences respectively. Thus, the variable [eu + ele] was the only one that satisfactorily responded to variation with cases of knots. Furthermore, the social variables were: 1) Gender: hypothesis based on the female composing the highest rate of speakers of the pronominalized form "a gente" (RUBIO, 2012), and the women from Brasília validate what the study proposed because they are at the forefront regarding the use of the rising pronoun "a gente" based on a percentage of 74.3%; 2) Age: hypothesis young people are those who significantly favor variation (PACHECO, 2014), and the research showed that children (ages between 0 and 9 years), young people (20 to 24 years) and adults (from 25 years old onwards) were groups that favored the variable "nós" in Brasília, with 77.8%, 100% and 100% respectively; and the pronoun we predominant in speeches of preadolescents from 10 to 14 years old (35.7%) and adolescents from 15 to 19 years old (63.2%); and 3) Level of education: the variable "a gente" is part of the discourse of speakers from Brasília, regardless of school level, given its low level of stigmatization, but, according to Omena (1996), "nós" is favored in the early school grades, because it is when children have a normative learning of what the grammars prescribe; and "a gente" used more by adolescents and young people, since they present, in their vernacular, a characteristic that is more detached from the formal, the research brought; however, opposite results, with high school students being more prone to use the pronoun "nós" (51.1%), while the higher education showed great use of the pronoun "a gente" (100%). On the other hand, early childhood education also had 81.8% use of "a gente".

KEY-WORDS: Pronominal variation; Brasilia; Variationist theory; Variation in progress.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos 25 informantes em função das categorias sociais

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função da posição de sujeito e de outras funções sintáticas	28
Tabela 2: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do paralelismo linguístico	28
Tabela 3: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função da referência específica e genérica	30
Tabela 4: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do sexo dos informantes	32
Tabela 5: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função da faixa etária	33
Tabela 6: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do nível de escolaridade	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. Contextualização da variante <i>a gente</i>	11
2. Metodologia da pesquisa.....	13
3. Constituição das variáveis linguísticas.....	18
3.1 Paralelismo linguístico.....	18
3.2 Tipo de referência: específica e genérica.....	19
4. Constituição das variáveis sociais.....	23
4.1 Escolaridade.....	23
4.2 Faixa etária.....	25
4.3 Sexo.....	25
5. Programa de análise estatística de dados linguísticos: Goldvarb X.....	27
6. Análise de dados.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

INTRODUÇÃO

Compreender um fenômeno variacionista é colocar em prática o largo trabalho de Labov, pai da Sociolinguística, com os pressupostos da Teoria da Variação, que visa estudar mudanças em curso na língua, a fim de estabelecer as suas regras por meio de seus condicionantes sociais e linguísticos.

Este trabalho abordará o uso de *nós* e *a gente*, na posição de sujeito, no dialeto brasiliense. Apesar disto, também será estabelecido um panorama geral, por meio de tabela, das ocorrências dos dois pronomes em outras posições sintáticas, além de sujeito, a fim de que tais dados não sejam desconsiderados da análise.

Há estudos relacionados a esta temática em diversos estados do Brasil, mas, em Brasília – DF, a abordagem era ausente até o momento. Esta pesquisa, em forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dará tratativas sobre, mas sem a intenção de esgotar as tantas possibilidades que o assunto pode gerar.

Com relação à análise, os dados foram estratificados em variáveis linguísticas independentes 1) paralelismo linguístico; e 2) tipo de referência. Quanto às variáveis sociais, levou-se em conta 1) escolaridade; 2) faixa etária; e 3) sexo. A análise quantitativa é indispensável para uma pesquisa laboviana, visto que nos possibilita entender em quais cenários e circunstâncias a mudança está ocorrendo, bem como deixar claro que, apesar de preconceitos linguísticos relacionados ao que é taxado como coloquial, o fenômeno trata-se de um uso em progresso na língua.

Com o intuito de ter verificada a potencialidade da variante, o *corpus* baseia-se em entrevistas com pré-adolescentes, adolescentes e também com participações de adultos (professora Carolina e pais dos alunos), que estão cursando o ensino fundamental, médio e superior, respectivamente, visto que as mudanças em decurso são, geralmente, iniciadas pela faixa etária mais jovem para, logo mais, ter a expansão para as gerações posteriores.

Os dados foram obtidos por meio de gravações de áudio, em uma escola pública do Distrito Federal, e estão inseridos no projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO) da Universidade de Brasília¹. O VALCO é uma iniciativa de professores e estudantes que visa, principalmente, o estudo da variedade brasiliense, assim como

¹ O projeto VALCO está disponível em <https://unbvalco.com.br/>. Acesso em: 14/02/2023.

a de outras localidades do estado de Goiás e, ainda, a variedade matogrossense. Além do uso dos dados para este projeto de variação sociolinguística, tais entrevistas basearão e, portanto, permitirão a análise realizada aqui.

A professora doutora Carolina Queiroz Andrade é uma das integrantes do projeto VALCO. A pesquisadora tem estudos acerca da variação pronominal de 2ª pessoa do singular (você/ cê/ tu) em Brasília (ANDRADE, 2010, 2015) disponíveis, também, no site do projeto variacionista.

Sobre as gravações, há momentos em que a coleta se deu de forma livre: a pesquisadora entregou o gravador para os alunos e estes levaram o aparelho para suas casas e puderam falar o que sentiam vontade; e ocorreu, além disso, por indicação da professora, ações instigadas pelos alunos, como a de ensinar um determinado jogo; realizarem certas brincadeiras. Ademais, houve coletas estimuladas pela contagem de história, com o intuito de, após ouvi-la, os entrevistados pudessem responder de acordo com o que entenderam. A metodologia utilizada para as gravações é a entrevista tipicamente laboviana, que compreende a fala natural e não monitorada como requisitos indispensáveis, já que, consoante Sankoff (1988^a, p. 146)

É preferível, sem dúvida, que as conversações sejam entre dois falantes do mesmo vernáculo, ou que a gravação seja feita numa interação natural, em vez de uma entrevista, mas a exigência mínima é obter alguma amostra do discurso real do falante.

Com tudo, a observação buscará ser atenta na compreensão do fenômeno de *nós* e *a gente*, a fim de que mais trabalhos com a mesma temática surjam, pois há muito do que se falar e escrever, e são estes estudos que possibilitam um conhecimento mais conexo com a língua falada e inibem o apagamento proporcionado pelo tradicionalismo excludente.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA VARIANTE A GENTE

A forma *a gente*, empregada como variação do pronome de caso reto *nós*, é amplamente utilizada na linguagem oral e, em muito, na escrita. Trata-se de um pronome de rápida identificação na comunicação diária das pessoas, e a sua origem é latina com uma referência mais voltada para a ótica genérica, pois refere-se aos termos “gente”, “pessoa”, etc. Então, o *a gente* não tinha uma inserção na primeira pessoa do plural quando usado no discurso, pois estava posto para fazer menção ao todo.

Contudo, o cenário mudou e, a partir de então, mesmo que de maneira não tão clara, o aspecto genérico do *a gente* vai perdendo espaço em detrimento da noção mais específica acerca da referencialidade. Nota-se que esta forma não se configura como traço inovador do século a que esta análise está sendo feita, mas, sim, diz respeito a um uso que data, segundo Lopes (2003, p. 65), já em meados do século XIX, quando ocorre a intensidade da pronominalização do *a gente*.

De acordo com Omena (2003, p. 80), com a forma *a gente* passando a ser denominada pronome de primeira pessoa do plural, tem-se uma mudança linguística significativa. Há notoriedade nesta mudança linguística em curso, porque o *a gente* passou por um processo de gramaticalização no quadro pronominal do português brasileiro, ou seja, foi reconhecido o seu emprego variante com o pronome *nós*.

Segundo Omena (1986), Lopes (1998) e Borges (2004), o uso do pronome *a gente* não sofre estigmatizações severas e, por isso, ele surge de forma tão corriqueira para marcar a primeira pessoa do plural. Trata-se de um pronome, de acordo com Zilles (2007, p. 37), presente em cerca de 80% dos discursos de pessoas falantes do Português Brasileiro (PB).

A agregação do *a gente* é notória tanto em falas de pessoas escolarizadas como na de pessoas que não gozam de tal status. Outrossim, o pronome surge em falas de crianças no começo de sua aquisição linguística, marcada por momentos em que, na maioria dos casos, ainda não correspondem ao período de inserção delas nas instituições de ensino. Assim, o emprego do pronome de primeira pessoa do plural *a gente* pode ser facilmente adquirido pela observação de uso, dentro de uma dada comunidade de fala, não precisando haver uma exigência de escolaridade (aprendizagem formal) para o seu surgimento.

O caráter espontâneo do vernáculo possibilita o aparecimento de diversas variações sociolinguísticas devidas ao ambiente menos monitorado. Com isso, o *a gente*, além da pouca monitoração que traz em seu uso, não sofre tantos preconceitos quando mencionado, diferentemente do que ocorre com outras tantas variações.

Diante disto, busca-se, por meio deste trabalho, realizar uma análise pioneira, dentro da variedade linguística brasiliense, acerca desta temática. Leva-se em consideração o quão forte está sendo o uso desta variante, a fim de que seja verificado se já se trata de uma mudança em progresso.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

O material usado para este estudo é parte das entrevistas realizadas pela professora doutora Carolina Queiroz, voltadas como *corpus* para seus trabalhos acerca da variação *você/ cê/ tu* em Brasília (ANDRADE, 2010, 2015). Devido ao grande quantitativo de entrevistas disponíveis para estudo e, também, à conscientização de que um *corpus* não possui dono, pois o que se privilegia é o estudo da língua e suas mudanças ao longo do tempo, a professora Carolina concedeu as entrevistas ao banco de dados VALCO, vinculado à Universidade de Brasília (UnB).

As entrevistas estão gravadas somente em áudio e estão em um pequeno gravador da professora, que foi muito utilizado em suas coletas. Pela impossibilidade de uma tecnologia que garantisse a qualidade do som, como é comum hoje, algumas informações ficaram perdidas, visto que ruídos em excesso, falas sobrepostas, grande circulação de pessoas no local prejudicaram um pouco o entendimento. Entretanto, muito pôde ser coletado e transcrições cuidadosas foram elaboradas em cima disto.

Os entrevistados são todos alunos de escola da rede pública de Brasília, distribuídos entre ensino fundamental e médio. As idades são a partir dos 5 e vão até os 20 anos, sendo que esta última se dá em virtude de participações nas gravações realizadas pelos próprios alunos e, por isso, elas contam com a interação de pais, irmãos e amigos dos alunos, sendo todos analisados como informantes. Ademais, apesar da professora Carolina ser a pesquisadora, ela será encarada, aqui, como uma informante. Logo, a sua formação, idade e sexo incidirão na pesquisa.

A escola dos informantes está situada na Vila Planalto, uma cidade que fica na região administrativa do Plano Piloto, em Brasília, capital marcada pela grande soberania política intrínseca ao Brasil. A localização deve ser um fator importante a se destacar, visto que a capital do país, bem como o restante dos estados e municípios brasileiros, é marcada por áreas consideradas nobres e áreas com habitantes de baixa renda. Esta variável social é notável, dentre outros aspectos, na forma como as pessoas se comunicam: no primeiro caso, privilegia-se o uso formal da língua, mesmo que em fala não monitorada permeie a linguagem coloquial; no segundo caso, é bem mais abrangente a presença da linguagem informal, que é onde ocorre, em maior quantitativo, o emprego do pronome *a gente* por parte dos falantes.

Com relação ao fenômeno *nós* e *a gente*, será dada maior ênfase nas ocorrências deste último, visto que há uma intenção em saber qual a dimensão desta mudança em progresso na língua portuguesa. Ressalta-se que a análise aqui centrada não levará em consideração as variações fonéticas de *a gente*, como o *a'ente*. Por se tratar de um primeiro levantamento em Brasília acerca do fenômeno na função sintática de sujeito, a abreviação poderá ser estudada posteriormente.

As entrevistas são totalizadas em oito e possuem, no mínimo, dois participantes e, no máximo, seis. No intuito de ter verificado o uso, principalmente, da variante *a gente*, buscou-se analisar as falas de pessoas brasilienses. Logo, apesar de não morarem na mesma cidade, todos os entrevistados, inclusive a professora Carolina, são naturais de Brasília.

Questões geográficas, além da consideração macro de tudo estar relacionado à Brasília, não serão consideradas minuciosamente, pois os dados não dispuseram de tal detalhamento. Agora, a faixa etária dos informantes é incluída na pesquisa, visto que foi fornecida uma ficha sobre a idade de cada um, permitindo que um parâmetro do uso das variantes pudesse ser estabelecido.

A disposição dos informantes ficou equilibrada quanto ao sexo, mas, com a escolaridade, não. Isto se deu, porque as entrevistas aconteceram, quase sempre, com estudantes de uma mesma série, e este cenário só muda quando 1) a professora/entrevistadora participa ativamente; e 2) quando os discentes levam o gravador para casa e gravam com pessoas diversas de seu convívio.

A distribuição dos 140 dados encontram-se estratificados em função da escolaridade, faixa etária e sexo, a partir das entrevistas. Somando os dados obtidos com a categoria de outras funções sintáticas, chega-se ao número de 153 dados, distribuídos da seguinte forma:

Quadro 1 – Distribuição dos 25 informantes em função das categorias sociais:

Escolaridade	Faixa etária	Sexo
Educação Infantil: 1	8 crianças (até 9 anos)	13 mulheres
Ensino Fundamental: 16	9 pré-adolescentes (10-14 anos)	12 homens
Ensino médio: 7	6 adolescentes (15-19 anos)	
Ensino Superior: 1	1 jovem (20-29 anos)	
	1 adulto (30 anos em diante)	
TOTAL: 25 informantes		

Para cada grupo, foi atribuído um código diferente no arquivo de especificação, pois todos os 25 informantes forneceram dados variacionais em seus turnos de fala.

Para a compreensão da variação entre as formas pronominais, este trabalho adotou três variáveis sociais (escolaridade, sexo e idade) e duas variáveis linguísticas (paralelismo linguístico e referencialidade).

A escolaridade foi classificada de acordo com o que é estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), que prevê as idades entre zero e cinco anos destinadas para a Educação Infantil; já as que vão dos 6 aos 14 anos dizem respeito ao período de inserção no Ensino Fundamental e trata-se do intervalo educacional mais longo; e, portanto, o Ensino Médio corresponde às idades que vão dos 15 aos 17/ 18 anos.

Outrossim, a faixa etária foi desmembrada a fim de que fique bem explicitada a gradação entre os informantes, pois, desta forma, pode-se estabelecer um parâmetro de como está sendo o uso de *nós* e *a gente* dentro de cada fase de vida, mesmo que a quantidade de entrevistados seja pequena, porque este trabalho é, também, um estímulo para aprofundamentos futuros.

No que concerne ao paralelismo linguístico, esta pesquisa busca verificar: 1) Realização isolada: quando ocorre somente um dado no turno de fala; 2) Primeiro da série: dá-se quando é marcado o primeiro surgimento de uma série de dados, seja ele o pronome *nós* ou *a gente*; 3) Antecedido por *nós*; e 4) Antecedido por *a gente*. Nestes dois últimos casos, é preciso averiguar qual foi a variante da primeira pessoa do plural que apareceu anteriormente, levando-se em consideração os casos explícitos e implícitos do sujeito.

A respeito da referencialidade, abordou-se, primeiramente, o uso de *nós* e *a gente* para referir, dentro do discurso, ao próprio enunciante, ou seja, à primeira pessoa do singular *eu*. Esta forma pronominalizada é mantida quando não se quer trazer para si a responsabilidade do que está sendo dito; trata-se de uma maneira abrandada de menção ao próprio emissor; um distanciamento proposital, seja para evitar a fala pretenciosa, seja a culposa. De acordo com Monteiro (1994), “o falante pretende dividir responsabilidades ou reduzir o grau de egocentrismo” e, por isso, conforme Borges (2004, p. 44), é considerado plural de modéstia.

Consoante Pacheco (2014, p.184), em casos de variações nesta circunstância, o pronome de primeira pessoa do plural não está em variação com o *nós*, também de primeira pessoa do plural, mas, sim, com o pronome pessoal do caso reto *eu*, que marca a primeira pessoa do singular. Por esta razão, durante a codificação dos dados, manteve-se a preocupação de diferenciar estes casos dos demais, pois percebe-se que há muitas possibilidades atreladas ao uso de uma forma pronominal que não tem o tratamento devido dentro das gramáticas tradicionais e, por isso, é necessário consultar outras fontes, como estudos linguísticos e gramáticas descritivas, a saber a Pequena Gramática do Português Brasileiro, de Castilho (2010, p. 447):

Os pronomes pessoais reduziram a quatro itens as seis formas herdadas de Portugal. Em lugar de *eu, tu, ele, nós, vós, eles*, temos agora *eu, você, ele, a gente, você, eles*. *Tu* e *vós* desapareceram, substituídos por *você, você*. *Nós* vai sendo substituído por *a gente*.

Neste momento, temos uma explicação das mudanças pronominais do PB, com tratamento inclusivo da forma pronominalizada *a gente*, que já se trata de uma forte variação com o pronome *nós*.

Há, além da referencialidade atrelada ao *eu*, outros casos de referencial para averiguar o aspecto específico e, portanto, mais determinado, permitindo a identificação do falante. Posto isso, analisaremos o uso dos pronomes *nós* e *a gente* nas seguintes referências: referência específica [eu], [eu + você], [eu + você + ele], [eu + ele] e o discurso reportado específico, que se trata de uma citação do que outra pessoa falou.

Além disto, há o segundo atributo dentro do tópico acerca da referencialidade: a referência genérica, analisada através do 1) genérico/ indeterminado; e 2) discurso reportado genérico, que menciona um alguém, mas não se sabe quem.

Em suma, a coleta de dados alicerçou-se em casos explícitos de ambos os pronomes, mas, também, em situações em que ocorreu o apagamento do sujeito, levando-se em consideração, nestas últimas, a associação do verbo em primeira pessoa do plural, terminado com a desinência *-mos*, com o pronome *nós*. A explicação está voltada para um uso mais restrito, em Brasília, do pronome de primeira pessoa do plural *a gente* com o verbo no plural. Então, não serão consideradas situações assemelhadas a, por exemplo, “*a gente vamos almoçar*”, mas, sim, a “*nós vamos*

almoçar”. Entretanto, o pronome *nós* também surge com o uso do verbo no singular, em casos como: “*Nós* vai passear” e, para fazer a distinção de qual pronome está sendo usado em construções em que o sujeito está implícito, o contexto será amplamente analisado. Entretanto, não foram controlados casos de não preenchimento do sujeito, mas, sim, uma análise contextual do pronome na função de sujeito.

3. CONSTITUIÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis independentes são norteadoras na análise, já que elas ensejam a compreensão dos casos de surgimento da variável dependente, assim como o que favorece mais o seu aparecimento. Para isto, foram postos em evidência o paralelismo linguístico e o tipo de referência.

3.1 PARALELISMO LINGUÍSTICO

A variável independente paralelismo linguístico consiste na verificação da repetição da mesma variante dentro de um período, de acordo com Scherre (1998, p. 30). É por meio dela que se verifica a influência dos usos, ou seja, o paralelismo revela se a presença de um termo reflete em sua aparição posteriormente.

No exemplo a seguir, os dados correspondem, respectivamente, a uma brasileira adulta com nível superior de escolaridade; a um brasileiro pré-adolescente, cursando ensino fundamental; e a uma brasileira adolescente, cursando nível médio:

- (i) Gente, olha só! **A gente** vai fazer o seguinte... como é que **a gente** vai ler essa história? A Dud vai abrir assim, e aí **a gente** vai tentar, sem ler, falar o que aconteceu, o que que tá ali escrito, tá bom?
- (ii) A própria tentação de cair de novo. Ô, mas é mesmo, né, véi? Parece que toda vez que **a gente** se confessa assim, véi, **a gente** sai da igreja, véi, parece que faz é puxar **a gente**, né não? Dá até raiva, doido.
- (iii) Ficou **nós** duas lá na... **nós** duas fomos na casa da roqueira. Aí, **nós** passamos lá, **chamamos** elas elas. Aí elas pediu pra mim entrar, pra me apresentar a mãe dela.

Nas falas dos exemplos (i) e (ii), nota-se o surgimento do *a gente* sequencialmente; e, na (iii), o emprego do pronome *nós* preenchendo todas as posições de sujeito apresentadas na frase, mesmo que implícito, como no caso de “*chamamos*”, verbo que está marcando a segunda pessoa do plural. Logo, trata-se de um paralelismo das formas. Assim, este estudo procura verificar o quanto isto é

condicionante para o fenômeno *nós* e *a gente*, entendendo a hipótese de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (SCHERRE, 1988). Entretanto, não se pode evidenciar esta forma de estruturação em todos os momentos, porque há ocorrências mantidas pela alternância dos pronomes. Portanto, o paralelismo linguístico é variável, ou seja, ele não é categórico.

3.2 TIPO DE REFERÊNCIA: ESPECÍFICA E GENÉRICA

O tipo de referência traz consigo um teor semântico, no caso o *nós* ou o *a gente*, com a pessoa a quem se reporta. Portanto, conforme Menon (1994), Zilles (2003) e Borges (2004), o *a gente* pode estabelecer a determinação e a indeterminação quanto à referencialidade.

Como as variantes *nós* e *a gente* são multirreferenciais, elas serão consideradas, nesta pesquisa, nas ocorrências de sujeito, como: *a gente* indicando referência da primeira pessoa do singular *eu*; referência específica e referência genérica.

A referência específica diz respeito à capacidade de identificação do próprio falante e de outras pessoas que façam parte do discurso. Agora, a referencialidade mais genérica é composta por muitos integrantes, de forma indeterminada, e apenas a leitura do que é dito não nos permite ter uma constatação de quem sejam e, por isso, é preciso aliar mais ferramentas, como o contexto, que dá, em muitos casos, indícios sobre quais pessoas estão sendo envolvidas/ mencionadas.

O polo da especificidade foi organizado da seguinte forma:

1) *A gente/nós* [eu] = é o mais específico, visto que o pronome *a gente*, apropriando-se das características do pronome de primeira pessoa do singular *eu*, é usado, pelo falante, para mencionar a si próprio:

i) LUA: É melhor essa.

TAY: Não, LUA, não.

LUA: Não é, não. Tem que tirar, eu passei outro esmalte.

TAY: E daí? **A gente** passa por cima.

LUA: Vê se não borra, hein?!

ii) CAR: Cês gostaram, gente, dessa história?

FRA: **Gostamos.**

CAR: Gostaram da moral da história?

2) *A gente/nós* [eu + você] = é o caso em que o entrevistado interage com uma segunda pessoa, seja ela a entrevistadora ou outra pessoa próxima:

i) GUI: Aquele negócio lá de ontem.

PAB: Quê?

GUI: Que **a gente** conversou.

PAB: A::h!

GUI: Na pracinha.

ii) LUA: Não, **nós** duas no colchão e **nós** duas no outro colchão...

TAY: LUA, é sério, dá licença!

3) *A gente/nós* [eu + você + ele(s)] = traz dados que contenham o falante incluindo integrantes de fácil referência:

i) BRU: Quem foi que falou?

DAN: Tô brincando!

ANT: Ah, bom! Pensei que o padre ia falar isso, doido.

DAN: Sei lá! Vai que tem um padre que é muito doido. Se **a gente** conhecer: "meu filho, vá com fé e alegria!".

ii) FRA: Tia, **vamos** brincar de dominó?

CAR: Não, corre-cutia agora.

PED: Eu vou ser o que corre.

4) *A gente/nós* [eu + ele(s)] = representa as situações em que o falante direciona-se a uma terceira pessoa ou a um grupo maior não identificado no discurso:

i) DUD: Você é, mamãe, barbie.

KEL: B-a-b-e-r.

DUD: Baber.

CAR: Não, ela falou certinho. Faltou o "R", né?

KEL: Não, eu falei o "R".

CAR: Não, é que Barbie... como é que se escreve? B-a-r bi... b-ei-e, é Barbie. É bar-bi-e. [inint] mas é porque “Barbie” é um nome em inglês. **A gente** fala barbi, mas se escreve “Barbie”, entendeu?

ii) JAQ: Ah! Meu irmão falou que tu era gatinha.

GLE: Qual deles?

JAQ: O pequeno.

GLE: Ah!

JAQ: Ontem, eu cheguei e falei: “GEF, **nós** tava com a GLE”, aí ele “fala pra ela que ela é gatinha” bem assim...

O pronome *nós* associa-se, muitas vezes, à referencialidade específica, mas, por não ser uma regra categórica, há casos, mesmo que escassos, de indeterminação voltados para este pronome:

vi) *Nós* em referência específica:

JAQ: Eita, imagina, véi, se nossa família, a minha, MAY, a minha mãe sabe cozinhar. A da VIV, ó, nossa mãe faz cada coisa [inint] não [inint] estrogonofe.

VIV: Peru.

JAQ: Peru. MAY, se as duas se juntar, **nós** vamos comer, viu? Olha só!

vii) *Nós* em referência genérica/ indeterminada:

JUL: Não é da Net, não, né? Da Net é trinta horas. Não, é o outro do Unibanco; da Net é outro.

GEO: Não, nosso é da Brasil Telecom. **Nós** compramos. O seu é daqui, né?

No caso do pronome do caso reto, quando em referência específica, nota-se, dentro do turno de fala, o termo retomando os participantes da conversa e a quem podemos identificar no discurso. Por isso, diz-se que se trata de uma determinação da referência. Em outro viés, tem-se a indeterminação aplicada ao *nós* no momento em que não é possível detectar a quem o informante se refere, porque, por ser menor de idade, não poderia, supostamente, custear a Internet de sua residência. Assim, por conta destes levantamentos sobre o referente, diz-se que é genérico.

Assim sendo, essa pesquisa pretende analisar se a tendência da referencialidade genérica favorece mais a forma pronominalizada *a gente*; e se a referencialidade do tipo específica contribui mais para o surgimento do pronome *nós*.

Isso porque o *a gente* é uma marca de indeterminação do sujeito, visto que, originalmente no português arcaico, ou seja, antes de tornar-se uma forma pronominal, possuía uma coletividade intrínseca por estar associado ao substantivo “povo”, ideia que foi cessada, gradualmente, pela gramaticalização (PACHECO, 2014).

Enquanto o *nós* associa-se à determinação, pois as pessoas que estão participando do discurso são identificáveis.

Contudo, não se deve tratar tal situação como definitiva, porque, a partir de então, teríamos um estudo que fugiria do que é previsto pela teoria variacionista (PACHECO, 2014, p. 132). Portanto, apesar de a hipótese central estar pautada no que diz respeito à maior possibilidade de associação dos pronomes, não serão – e não devem ser – eliminadas as demais ocorrências.

4. CONSTITUIÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Os aspectos sociais, aliados aos linguísticos, são os fatores que estabelecem uma pesquisa variacionista, pois todos estes elementos incidem na forma como as pessoas comportam-se e comunicam-se. Consideram-se sociais as noções de escolaridade do informante, a sua idade, seu sexo, a localização da sua moradia ou do local em que ele passa a maior parte de seu tempo, etc.

Aqui, serão levadas em questão as variáveis 1) escolaridade; 2) faixa etária; e 3) sexo, desconsiderando, parcialmente, a cidade em que residem – pouco pode ser mencionado sobre o local por falta de informações mais detalhadas –, porque todos os alunos-participantes são da mesma unidade pública escolar e, no momento da entrevista, não lhes foi perguntado a região em que moravam.

4.1 ESCOLARIDADE

Apesar da forma *a gente* receber tratamentos diversificados dentro das gramáticas, ora com um trato de pronome indefinido, ora nem sequer mencionada, considera-se que ela traz consigo um aspecto mais informal, mas é indiscutível que, com menos ou mais escolaridade, ela está inserida no idioleto das pessoas.

Segundo Schmitz (1973, p. 640):

A palavra [a gente] é, entretanto, empregada por ambos os falantes do português, escolarizados e não-escolarizados, tanto em ocasiões semiformais como informais; a gente é empregado por [falantes de] todas as classes sociais.

Desta forma, não se pode dizer, concretamente, que a aparição do pronome de primeira pessoa do plural restringe-se às falas de pessoas não escolarizadas ou que não tenham concluído as séries da educação básica. Contudo, não é esta a ideia repassada em escolas, apesar de o pronome *a gente* não sofrer severas estigmatizações.

Na gramática de Cunha e Cintra (2004, p.166), por exemplo, o *a gente* é mencionado, mas na intenção de defini-lo como pronome e associá-lo a momentos de informalidade

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Porém, o emprego deste pronome permeia tanto discursos formais quanto informais, e é relevante tratar disto, porque, na maioria dos casos, a capacidade de realizar um bom discurso, dentro das regras gramaticais, e uma boa oratória são atributos associados a pessoas com alta escolaridade, mas o pronome de primeira pessoa do plural *a gente*, em variação com o pronome *nós*, consegue eludir-se sutilmente desta imposição.

No trabalho que levou em conta uma análise dos livros de língua portuguesa, da 5ª a 8ª série, de uma escola pública localizada em São Bento do Sul, Tamanine (2002) constata que são consideradas apenas as formas canônicas, previstas em gramáticas normativas, dos pronomes pessoais, ou seja, é considerado como primeira pessoa do plural o *nós*. Mesmo sendo uma pesquisa do ano de 2002, esta é a tendência dos livros escolares e tantos outros: estarem, na maioria dos casos, em inconformidade com a língua falada.

O estudo realizado por este trabalho vale-se de níveis de escolaridade distintos: educação infantil, ensino fundamental, médio e superior. Logo, a hipótese é a mesma mencionada por Omena (1986), Lopes (1998) e Borges (2004): a não estigmatização do uso do pronome *a gente* possibilita que seja usado, amplamente, em muitas comunidades, que podem ter um nível alto ou baixo de escolarização. De acordo com Zilles (2007, p. 37), o alcance da variação inovadora é de quase 80% para os falantes do português brasileiro. Também, seja possível que a não inserção, em muitas gramáticas tradicionais, gere um “desconhecimento” acerca de como e onde o pronome pode ser usado e isto ameniza as taxações. Entretanto, associa-se o uso do pronome *a gente* à coloquialidade e o *nós* ao discurso formal, sendo este conjecturado para pessoas mais escolarizadas e aquele, para pessoas com baixa escolaridade.

Omena (1996 p.319) associou, em seu estudo sobre *A referência à primeira pessoa do discurso no plural*, que as séries iniciais devam estar mais ligadas ao uso do pronome *nós*, porque é a fase em que a inserção no português normativo é mais intensa, principalmente sobre a conjugação verbal. Ademais, quanto ao pronome *a gente*, acredita-se que ele seja mais presente no ensino médio, pois os adolescentes

tendem a fugir da linguagem formal e buscam, cada vez mais, uma identidade linguística regada a gírias.

Outro ponto importante está em ponderar que a escolaridade é, intrinsecamente, ligada à renda. Logo, quanto maior a renda *per capita* de um falante, maiores serão suas chances de terminarem a educação básica e de ingressar no ensino superior. Outrossim, apesar de a escolaridade não ser uma variável de alto peso para a variação da posição de sujeito entre *nós* e *a gente*, este estudo mantém o controle dela.

4.2 FAIXA ETÁRIA

Em relação a esta variável, levanta-se a hipótese de que a variante *a gente*, em Brasília, faça parte, de maneira mais contundente, da comunicação mais jovem, ou seja, acredita-se que os jovens são os responsáveis pela grande disseminação da forma pronominalizada, assim como já constatado por Seara (2000), Omena (1996), Machado (1995) e Lopes (1998). Logo, o uso de *a gente* supõe-se, também aqui, estar em progresso na língua, com uma maior proporção nas camadas mais jovens, irradiando-se para as demais, que sofrem influência direta.

4.3 SEXO

Por conta da pouca quantidade de informantes, não se poderá afirmar que o resultado obtido é pleno para todos os falantes brasilienses. Então, esta pesquisa pode ser encarada como o início de um longo caminho a ser percorrido em busca do entendimento acerca do fenômeno variacionista *nós* e *a gente* na capital do país.

Contudo, é possível estabelecer, a respeito do sexo e como ideia norteadora, que o gênero feminino favorece, contundentemente, as mudanças linguísticas como um todo, assim como a que está em voga nesta análise. Conforme Borges (2004, p. 24),

No que diz respeito ao gênero as mulheres, freqüentemente, lideram as mudanças. A própria caracterização da construção social da variável sexo

vem merecendo maior atenção, uma vez que a noção de gênero pode ser mais produtiva para o entendimento da correlação do sexo com as variáveis lingüísticas.

Logo, a afirmação em torno do sexo feminino embasa a hipótese deste trabalho em estabelecer que o pronome *a gente*, em variação com o pronome *nós*, em Brasília, pode ter o uso mais favorecido em falas de mulheres, assim como constatado por Mattos (2013) em seu trabalho sobre a alternância de uso da primeira pessoa do plural no estado de Goiás.

5. PROGRAMA DE ANÁLISE ESTATÍSTICA DE DADOS LINGUÍSTICOS: GOLDVARB X

O Goldvarb X é um programa estatístico que tem como objetivo ajudar a entender, por meio da rodagem de dados, fenômenos variáveis. Devido ao seu caráter estatístico, diz-se que a análise linguística, baseada na Sociolinguística Variacionista de Labov, é quantitativa, já que, por meio do cruzamento dos dados de fala com as variáveis sociais e linguísticas, o Goldvarb X possibilita maior compreensão das regularidades e irregularidades de usos das variantes.

Aliás, para que seu uso seja realizado de maneira apropriada, é preciso, de antemão, elaborar um arquivo de especificação para as variáveis dependentes e independentes, que são estabelecidas por meio de códigos determinados de acordo com o criador.

Em posse dos resultados gerados pelo programa estatístico, torna-se possível a criação de gráficos e tabelas explicativas acerca da variação, podendo delinear o que é importante e, assim, dar notoriedade, bem como definir o que não foi selecionado estatisticamente. Deste modo, poderá ser estabelecido o parâmetro de análise e a discussão sobre suas ocorrências.

Em vista disso, o Goldvarb X é o programa usado para as rodadas de dados deste trabalho e, por isso, é o possibilitador do entendimento sobre a variável *nós e a gente* em Brasília.

6. ANÁLISE DE DADOS

A análise é baseada em 140 dados de *nós* e *a gente* na posição de sujeito e em 13 dados (categóricos de *a gente*) que permeiam outras funções sintáticas. As porcentagens obtidas serão explicadas a partir das tabelas a seguir:

Tabela 1 – Distribuição de *nós* e *a gente* em função do sujeito e de outras funções sintáticas

	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
Sujeito	40/140 (28.6%)	100/140 (71.4%)
Outras funções sintáticas	0/13 (0.0%)	13/13 (100%)
TOTAL:	40/153 (26.1%)	113/153 (73.9%)

É perceptível que os dados de *nós* prevalecem na função sintática de sujeito (28.6%), acima da média de 26.1%. Já os dados de *a gente* aparecem, categoricamente, em outras funções sintáticas, o que demonstra um encaixamento linguístico cada vez maior para essa variante inovadora e cada vez mais frequente no português brasileiro. Este trabalho, portanto, inicia uma pesquisa acerca do uso de *nós* e *a gente* em função sintática de sujeito, uma vez que, por ter ocorrido um resultado categórico de dados com outras estruturas sintáticas, buscou-se amalgamá-los a fim de que se tenha uma noção geral da propagação da forma pronominalizada *a gente* na comunidade de fala brasiliense; e, também, para que estudos futuros possam permear esse tópico, visto que não houve dados de *nós* nestas outras funções sintáticas, tendo, portanto, somente o surgimento de *a gente*.

Os resultados percentuais da distribuição pronominal em função do paralelismo sintático podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição de *nós* e *a gente* em função do paralelismo linguístico

	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
Realização isolada	26/74 (35.1%)	48/74 (64.9%)
Primeiro da série	5/26 (19.2%)	21/26 (80.8%)
Antecedido por <i>nós</i>	7/10 (70.0%)	3/10 (30.0%)
Antecedido por <i>a gente</i>	2/30 (6.7%)	28/30 (93.3%)
TOTAL:	40/140 (28.6%)	100/140 (71.4%)

Seguem exemplos que elucidam os casos de paralelismo tabelados acima:

- 1) *Nós/ a gente* – Realização isolada
 - i) MAR: Foi! **Nós** foi pra casa da ANT por aí.
PAB: Cara, **a gente** tava lá lá na igreja.
GUI: Tu foi?
PAU: Não!
- 2) *Nós/ a gente* – Primeiro da série
 - i) FEL: Oshi! Mas **nós** fala que vai jogar lá na rua. Aí ele pega e **nós** carrega pra cá e joga.
 - ii) CAR: Quando **a gente** falar o que pode ter acontecido ali, ela vai ler a história, aí vai passar, aí alguém vai dar um pal.. um palpite no que tá acontecendo, acontecendo, aí ela lê, aí **a gente** passa, passa adiante.
- 3) *Nós/ a gente* – Antecedido por *nós*
 - i) MAY: Foi bom mesmo! E, depois, **nós** ainda foi pra casa. **Nós** num aguentou subir naquela ladeira. ii) JAQ: Dez horas e acaba meio-dia. Mas tem que chegar lá nove e cinquenta. **Nós** chegamos lá dez horas, ele brigou. Num foi?! **A gente** tem que chegar mais cedo.
- 4) *Nós/ a gente* – Antecedido por *a gente*
 - i) LUA: Já sei também! **A gente** põe o travesseiro aqui e ali. E aí, **a gente** dorme embaixo.
 - ii) VIV: Aí **a gente** foi andando, né? **Nós** deixou as bicicleta lá.

Por meio dos percentuais gerados pelo Goldvarb-X, pode-se inferir que os casos de primeiro da série (80.8%) e os que são antecidos por *a gente* (93.3%) favorecem o uso da forma pronominalizada *a gente* em detrimento do pronome *nós*, visto que a porcentagem de uso é superior ao percentual total de dados previstos para aquela (71.4%). Com relação à realização isolada (35.1%) e dados que possuam o *nós* em surgimentos anteriores (70.0%), tem-se que eles contribuem para o uso do pronome de caso reto na fala dos brasilienses.

Logo, a hipótese trabalhada neste trabalho foi corroborada, pois a tendência do falante, nascido e residente em Brasília, é de usar, consecutivamente, os pronomes,

levando em consideração o paralelismo das formas. Apesar de o uso de *a gente* ser alto na realização isolada e também aparecer em situações em que o *nós* foi colocado, inicial e sintaticamente, como sujeito, o uso do pronome inovador não foi favorecido, porque seguiu-se a lógica concernente ao paralelismo: marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (SCHERRE, 1998). Portanto, falas iniciadas por *a gente* ou que tiveram a forma pronominal antecedendo outro *a gente* favoreceram o seu surgimento, pois, conforme Omena (1986, p.294), “a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior”. Da mesma forma, as realizações isoladas foram mais voltadas para o emprego do *nós*, bem como as ocorrências que o precedem.

Os resultados percentuais da distribuição pronominal em função da referencialidade podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição de *nós* e *a gente* em função da referencialidade específica e genérica

	<i>Nós</i>				<i>A gente</i>			
Referência	Eu	Eu + você	Eu + ele	Eu + você + ele	Eu	Eu + você	Eu + ele	Eu + você + ele
específica	1/5 (20%)	9/32 (28.1%)	21/41 (51.2%)	7/30 (23.3%)	4/5 (80%)	23/32 (71.9%)	20/41 (48.8%)	23/30 (76.7%)
genérica	2/32 (6.2%)				30/32 (93.7%)			
TOTAL:	40/140 (28.6%)				100/140 (71.4%)			

Abaixo, seguem exemplos de usos dos fatores que foram preponderantes, de acordo com os resultados da Tabela 3:

1) Referência específica

- i) [Eu]: BRU – Eu num, véi, eu tô parando de brincar com NAT, véi, o NAT, ele num sabe brincar não, véi, tipo, ***a gente*** bate nele assim, doido, o bicho começa a bater fortão, aí, se ***a gente*** descontar forte, ele já vai apelar, véi. NAT, tá perdendo a graça de brincar com um ele, véi.
- ii) [Eu + você]: DES – Você tem que aprender primeiro o pife-pafe. PED – [inint] ensina aí o outro.

DES – O outro é complicado.

PED – Ah, então num tem como.

JOA – Depois, **nós** aprende o outro. ãh? Eu distribuo mesmo?

iii) [Eu + ele]: FER – Aí aí eu tenho... aí aí eu tenho um Babalu aqui, eu vou eu vou abrir [inint] na frente da Mil e vou comer na frente dela.
LUI – Ó Mar, ó! **temos** uma balinha e não te do::u. Tenho duas ba...

iv) [Eu + você + ele]: VIV – Aí **a gente** podia fazer assim, gravar o que ela tava falando e dar pro RAF. Ou então eles se encontrarem por acaso enquanto ela tivesse falando isso, tendeu? JAQ – Mas num tem, num tem como.

MAY – Num tem como...

2) Referência genérica/ Sujeito indeterminado

i) CAR – Oi? **A gente** não aprende multiplicação somando? **A gente** aprende raiz quadrada multiplicando.

O uso de *nós* e *a gente*, variando dentro da primeira pessoa do singular, na comunidade de fala brasiliense, possibilita-nos ter as seguintes conclusões: o pronome inovador *a gente* é favorecido dentro da referência mais específica “eu” (80%), em detrimento de *nós* (20%) no *corpus* de Brasília.

Quanto ao caso de determinação envolvendo [eu + você], apesar de a quantidade de dados ser bem abaixo do total em virtude do que se obteve nesta categoria de análise (9/32), eles foram o suficiente para indicar que o *nós*, em situação de fala referindo ao enunciador (eu) e a uma segunda pessoa no discurso (você), é desfavorecido (28.1%) e, portanto, o pronome *a gente* é levemente favorecido (71.9%), tendo em vista a média de dados (71.4%). Assim, tem-se que, nos momentos em que o falante quer referir-se a si e, também, à segunda pessoa do discurso, o informante tende a usar mais o *a gente* em posição de sujeito.

Ainda, o que se tem de resultado para situações em que há falas envolvendo a primeira pessoa do singular, bem como a terceira [eu + ele] é semelhante: há o favorecimento do pronome de primeira pessoa do plural *nós* (51.2%) acima da média de 28.1%.

Os pronomes, quando analisados em casos de [eu + você + ele(s)], tiveram seu percentual, obtido pelo Goldvarb-X, mais voltado para o *a gente* (76.7%) em vista do resultado obtido com os dados que contêm *nós* como sujeito (23.3%).

No que concerne ao referencial genérico/ indeterminado, o *a gente*, quando usado de forma a não possibilitar a identificação, é amplamente favorecido (93.8%) quando comparado ao pronome *nós* (6.2%). A intenção do falante, portanto, é a de generalizar, ao usar *a gente*, para que o foco do assunto não seja totalmente seu. Em suma, o pronome *a gente*, com referência ao *eu* e com referência genérica, está acima da média de 71.4% em ambos os casos.

Logo, a referência genérica relacionada ao pronome *a gente*, de acordo com Pacheco (2014, p. 184), em parâmetros diacrônicos, é atrelada à indeterminação e, por isto, esta hipótese foi levantada e corroborada. Assim, em Brasília, a variante pronominal *a gente* é a escolhida quando os falantes querem tratar de assuntos cujo sujeito não está bem definido no contexto.

Os percentuais trouxeram uma conclusão de dupla acepção: a categoria de dados que trata da especificação do sujeito [eu + ele] corroborou para a hipótese inicial estabelecida por este trabalho: a referencialidade específica está mais voltada para o uso do pronome *nós* (51.2%), pois já é intrínseco a ele a determinação/ especificação do sujeito. Contudo, falas com a referência do tipo [eu], [eu + você] e [eu + você + ele(s)] foram mais condicionadas pelo pronome *a gente* consoante os respectivos percentuais: 80%, 71.9% e 76.7% respectivamente. Aqui, a hipótese inicial do trabalho foi refutada.

Logo, tal análise pode levar a pensar que esta mudança linguística está além do esperado, mostrando, desta maneira, o quanto o emprego da forma pronominalizada a torna um pronome em ascensão, porque, até mesmo na forma mais específica de seu uso, referindo-se à primeira pessoa do singular, teve notoriedade.

As tabelas a seguir explicitam a apuração alcançada, por meio do Goldvarb, para as variáveis sociais trabalhadas aqui, a saber sexo, faixa etária e escolaridade.

Tabela 4 – Distribuição de *nós* e *a gente* em função do sexo dos informantes

	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
Mulher	26/101 (25.7%)	75/101 (74.3%)
Homem	14/39 (35.9%)	25/39 (64.1%)
TOTAL:	40/140 (28.6%)	100/140 (71.4%)

A partir do sexo dos falantes, constata-se que as mulheres lideram o índice de uso da variante em progresso *a gente* (74.3%), visto que os homens contam com um valor (64.1%) abaixo da média (71.4%). Evidentemente, para a variante *nós* a evidência é outra: aqui, o pronome é favorecido na fala de homens brasileiros (35.9%), acima da média (28.6%).

Tais percentagens, portanto, aliaram-se à hipótese inicial: as mulheres são as precursoras de mudanças linguísticas variacionistas em curso, assim como já dito por Zilles (2002). Ainda, de acordo com Labov (1990, 2001), as mudanças da língua que têm as mulheres como as propagadoras são as que possuem uma implementação mais rápida, e isto baseia-se no fato de elas serem as principais atuantes no núcleo familiar, sobretudo as responsáveis, comumente, pela criação e educação dos filhos.

Tabela 5 – Distribuição de *nós* e *a gente* em função da faixa etária

	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
Criança (até 9 anos)	6/27 (22.2%)	21/27 (77.8%)
Pré-adolescente (10-14 anos)	10/28 (35.7%)	18/28 (64.3%)
Adolescente (15-19 anos)	24/38 (63.2%)	14/38 (36.8%)
Jovem (20-29 anos)	0/9 (0.0%)	9/9 (100%)
Adulto (30 em diante)	0/38 (0.0%)	38/38 (100%)
TOTAL:	40/140 (28.6%)	100/140 (71.4%)

Optou-se por destrinchar as idades dos informantes, sobretudo a de pré-adolescentes e adolescentes, a fim de que fique bem explicitado o grau de uso dentro de cada faixa etária, bem como uma melhor assimilação com o período escolar.

As idades que correspondem aos grupos das crianças, jovens e adultos favoreceram o surgimento da forma pronominal *a gente*. As crianças falarem mais este pronome (77.8%) era a hipótese prevista por este estudo, pois as mudanças em progresso tendem a iniciar pela geração mais nova, assim como já previsto por Omena (1996) e Machado (1995).

Por conseguinte, jovens e adultos aparecem, ambos, com 100% para o uso de *a gente*, mas é notório dizer que se trata de casos categóricos, ou seja, este estudo contou com apenas um informante para estas classes. Logo, não se pode concluir que, em Brasília, a forma pronominal *a gente* seja amplamente usada pelos jovens e adultos.

Outrossim, os pré-adolescentes e adolescentes favoreceram o uso do pronome de caso reto *nós* com as seguintes percentagens: 35.7% e 63.2% respectivamente. Este é um resultado que surpreendeu, pois presumia-se que, assim como as crianças, os falantes-integrantes deste grupo etário tenderiam mais para o uso do pronome *a gente*. Por isso, com estes, a hipótese foi refutada.

É interessante mencionar que, dentro do grupo de informantes pré-adolescentes, apesar de o quantitativo total de dados com a variante *a gente* ser maior (64.3%) em detrimento do uso de *nós* (35.7%), o resultado obtido vai de encontro ao que Lopes (2003) traz acerca da inserção de *a gente* no quadro pronominal do português, visto que os mais jovens apresentam, no geral, um índice maior do *a gente* e, por isso, encara-se o pronome como uma variação em progresso na língua.

Tabela 6 – Distribuição de *nós* e *a gente* em função do nível de escolaridade

	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
Educação infantil	02/11 (18.2%)	09/11 (81.8%)
Ensino fundamental	14/44 (31.8%)	30/44 (68.2%)
Ensino médio	24/47 (51.1%)	23/47 (48.9%)
Ensino superior	0/38 (0.0%)	38/38 (100%)
TOTAL:	40/140 (28.6%)	100/140 (71.4%)

Com relação à escolaridade, procurava-se constatar se o pronome *a gente*, em Brasília, está se espalhando para todas as camadas que envolvem o ensino básico e

superior. Isto foi proposto por este trabalho por conta da pouca rejeição linguística da forma pronominalizada.

Contudo, há, de acordo com os dados explicitados pela Tabela 6, níveis escolares que favorecem mais o uso de *a gente*, bem como há os que favorecem o uso de *nós*. Logo, tem-se que nas fases da educação básica que compreendem ensino fundamental e médio, os estudantes utilizaram mais o pronome tradicional e, portanto, formal *nós*, com os percentuais respectivamente de 31.8% e 51.1%, acima da média apontada (28.6%).

Entretanto, estes dados trouxeram, de certa forma, uma estanqueidade no que se podia imaginar para a variante *a gente*, porque, como o ensino fundamental e médio tratam-se de fases escolares em que a coloquialidade tem grande preponderância, poderia supor que o pronome *a gente* seria favorecido aqui e, assim, o resultado obtido vai de encontro com a hipótese de Omena (1996) quando ela diz que os falantes, inseridos em fase de colegial (atual ensino médio), tendem a usar mais o pronome *a gente*.

Por outro lado, a educação infantil e o ensino superior favorecem, na devida ordem, em 81.8% e em 100%, o pronome *a gente*, acima da média de 73.9%. Há dois extremos nestas duas fases do ensino, pois uma é a inicial e a outra, vista como um amalgamado de tudo o que se percorreu pela carreira escolar e, por isso, espera-se um maior repertório linguístico destes estudantes e, conseqüentemente, uma comunicação mais condizente com os padrões normativos. No entanto, para Omena (1996) o pronome *a gente* é considerado informal, dentro do público formal, a depender do contexto de fala, por isso prevê que as séries iniciais favoreçam o uso de *nós*. Porém, não sucedeu desta maneira, pois os falantes da educação infantil usaram mais *a gente*. Todavia, os dados constantes, em cada um dos níveis, são de apenas um falante e, logo, não foi possível tratar, da melhor maneira, a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* no ensino fundamental e médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tratou, pioneiramente, da variação dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito em Brasília e identificou que esta é, sim, uma variação em progresso, usada em contextos diversos como o de primeira pessoa do singular e primeira do plural.

O uso alternado dos pronomes evidencia um crescimento emergente da forma pronominalizada *a gente* em Brasília, pois o seu campo de alcance atingiu um percentual equilibrado, notado nas camadas sociais e linguísticas. Assim, a sua presença nos discursos brasilienses já é tão notável quanto o pronome formal *nós*, consagrado pelas gramáticas normativas, pois trata-se de uma média de 71.4% para *a gente* e 28.6% para *nós*.

A busca pelo entendimento do fenômeno que se espalha pelo território brasiliense vem embasada na necessidade de explicações linguísticas para uma variação que vem sendo amplamente estudada em outras localidades brasileiras e, por isso, leva-nos a considerar que não se trata de um uso restrito a poucas regiões ou, ainda, que esteja alicerçado a aspectos regionais, mas, sim, de um uso em ascensão, fator que deva estar associado a pouca estigmatização que o pronome *a gente* sofre.

No polo das variáveis linguísticas, o paralelismo linguístico, dentro dos casos de escolha de um dos dois pronomes para ser o primeiro da série (80.8%) e, também, em casos de antecedência do pronome (93.3%) – caso que conta com o surgimento dos pronomes mais de uma vez dentro do mesmo turno de fala –, o *a gente* teve mais notoriedade. Por outro lado, evidentemente, o pronome de caso reto *nós* contou com maiores percentuais para a realização isolada dos pronomes dentro do turno de fala (35.1%) e situações em que um segundo pronome foi antecedido pelo *nós* (70%).

Outrossim, a referencialidade, dentro do tratamento da determinação e indeterminação, mostrou-nos que, mesmo que o pronome *a gente* seja associado, habitualmente, ao aspecto genérico, obteve grande expressividade com usos específicos, mais notavelmente com os casos em que a forma pronominal se associa ao pronome de primeira pessoa do singular *eu* (80%), *eu+você+ele* (76,7%) e *eu+você* (71,9%).

A estratificação dos informantes por idade possibilitou-nos saber em qual estágio os pronomes competem o uso. O resultado evidenciou – fora o que se obteve com o nível superior, porque foi categórico – que o ensino fundamental (31.8%) e médio (51.1%) favorecem o pronome *nós*. Além disto, apesar de a quantidade de informantes para o nível superior ser menor em comparação com os demais níveis, pois contou com apenas um informante, este estudo identificou que a falante que possui a maior escolaridade faz um uso pleno de *a gente* e, logo, percebeu-se um desvio entre o que se preconizava para o uso de *nós* para pessoas mais escolarizadas e *a gente* para informantes com pouca escolarização. Além disso, a educação infantil também favoreceu o uso de *a gente* (81.8%).

Ademais, as faixas etárias de até 9 anos, 20 a 24 anos e acima de 25 anos tiveram apenas um informante e os resultados, respectivamente, foram 77.8% (crianças), 100% (jovem) e 100% (adulto). Já pré-adolescentes (35.7%) e adolescentes (63.2%) são, de acordo com os percentuais, os que mais recorrem ao pronome *nós* para preencherem a posição de sujeito em suas conversas.

Acerca do sexo, as mulheres são as maiores precursoras do pronome *a gente* (74.3%) e isto é explicado pela maior disposição linguística que elas têm de optar pelo uso de formas menos estigmatizadas e, ainda, pelo fato de terem um papel importante no âmbito familiar e, com isso, a sua forma de expressar reflete em seu lar.

Estudar a variação pronominal de primeira pessoa do plural na posição de sujeito sucedeu em resultados que corroboraram e refutaram comportamentos já tendenciosos acerca do fenômeno, mas é preciso, ainda, que algumas variáveis sejam melhor analisadas, visto que, pela falta de informantes, ofereceram resultados com pouca, ou sem nenhuma, variação como a escolaridade (educação infantil e nível superior); e a faixa etária (jovem e adulto).

Também, há que tratar da variação dentro de outras funções sintáticas, pois, como o trabalho apontou, houve muito o uso da forma pronominal *a gente* em outras funções além da de sujeito. Por isso, necessita-se que linguistas deem tratamento nesse assunto, a fim de que o arcabouço do vernáculo brasileiro seja melhor explorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carolina Queiroz. **Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense**. Brasília, 2010. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília.

ANDRADE, Carolina Queiroz. **A fala brasiliense: origem e expansão do pronome tu**. Brasília, 2015. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília.

BORGES, PAULO R. S. **A gramaticalização de a gente no Português Brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. p. 36-57.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2004.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Social Factors**. Oxford: Clackwell, 2001.

LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**. *Language variation and change*, p. 205-254, 1990.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. DELTA [online]. 1998, vol.14, n.2, pp. 405-422.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Análise de variedades do português: a introdução de novas formas pronominais na imprensa – séculos XIX e XX**. UFRJ, 2003.

MACHADO, Marcia dos Santos. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do norte fluminense**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. Brasília, 2013. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília.

MENON, O. P. S. **Analyse sociolinguistique de indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC - SP**. Tese de Doutorado, Universidade Paris 7, 1994. (Inédito)

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais. Subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza, Ed. UFC, 1994.

OMENA, N. P. **A referência à primeira pessoa do discurso no plural**. In: OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira Scherre. Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, N. P. de. **A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural**. In: NARO, A J. et al. Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. p. 286-319.

OMENA, N. P. **A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?** In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 63-80.

PACHECO, Cíntia da Silva. **Alternância nós e a gente no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil-Uruguai (Aceguá)**. Brasília, 2014. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no Português Brasileiro e Europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São José do Rio Preto, 2012. Dissertação (Doutorado em Língua

Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

SANKOFF, David. **Sociolinguistics and syntactic variation. Linguistics: the Cambridge Survey**. IV Language: the socio-cultural context (F. Newmeyer, ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 1988a.

SCHERRE, M. M. P. **Paralelismo linguístico**. Revista DE ESTUDOS DA LINGUAGEM. Faculdade de Letras da UFMG. Vol. 7, nº2, 1998, p. 29-59.

SCHMITZ, J. R. **The linguistic flexibility of “a gente” in Portuguese**. *Hispania* [Notes on usage], p. 639-644, set. 1973.

SEARA, Izabel Christine. **A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina**. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná.

ZILLES, A. M. S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

ZILLES, A. M. S. **Grammaticalization of a gente in Brazilian Portuguese**. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* (Papers from NWAV 30), 2022.

ZILLES, A. M. S. **Real, apparent, or both? Three types of evidence for a grammaticalization change in progress in Brazilian Portuguese**. Philadelphia: VWAV 32, University of Pennsylvania, oct. 2003.